

Incertezas da economia impulsionam mercados futuros

Num período particularmente agitado para o mercado de capitais, o comparecimento de mais de 200 profissionais a um seminário de dia inteiro sobre mercados futuros é bem mais do que indício da importância que essa atividade já assume na economia brasileira. Essa certeza se consolida quando se levam em consideração os indicadores da evolução do seu movimento desde 31 de janeiro do corrente ano, quando tiveram início as negociações na Bolsa Mercantil & de Futuros — BM&F.

Naquele dia de estréia, foram transacionados tão-somente 410 contratos, número que já se elevava a 1 milhão 190 mil no último dia de outubro. Se em fevereiro a quantidade de contratos negociados foi de 27 mil 941, em novembro eles atingiam 408 mil 812. Nesse período, as operações em aberto passaram de 4 mil 138 para 13 mil 530.

Resultados como esse eram saudados quase com euforia nos bastidores do Seminário sobre Mercados Futuros, realizado ontem no Hotel Intercontinental, do Rio. É bem verdade que, no Brasil, essa atividade ainda representa uma fatia inexpressiva dos 300 bilhões de dólares movimentados diariamente nos mercados futuros de todo o mundo. Mas é igualmente verdadeiro que o próprio clima de incerteza quanto às perspectivas da economia brasileira contribui para a sua acelerada alavancagem.

Afinal, como explicou o economista da BM&F Henry Gonzalez à margem dos trabalhos do Seminário, coordenados pelo jornalista Humberto Quadros, o mercado de futuros existe justamente para dar aos agentes econômicos uma tranquilidade para trabalhar especialmente importante nos agitados dias que o Brasil está atravessando. Para tanto, ele precisa apenas admitir que quem busca assumir riscos também tenha alguma possibilidade de ganho, para que o jogo possa continuar.

Para se ter idéia de como isso funciona, considere-se que muitos grandes bancos, por suposto bem informados, perderam até metade do valor patrimonial dos seus fundos de ações em função da queda das bolsas verificada nos últimos meses, drama que eles poderiam ter conjurado sem desfazer suas carteiras. Simplesmente garantindo posições no mercado de futuros.

Os palestrantes se entenderam bem com a maioria de corretores e analistas presentes ao seminário e realizaram pronunciamentos essencialmente técnicos e informativos. Logo no início, a vice-presidente da Área de Moedas da Shearson, Lehman Brothers, uma das grandes corretoras norte-americanas, Ann Mills, após falar sobre o mercado futuro de moedas, previu que a recente recuperação parcial do dólar norte-americano sobre as principais moedas europeias não é consistente.

A longo prazo — afirma — o dólar norte-americano voltará a cair. Mas o

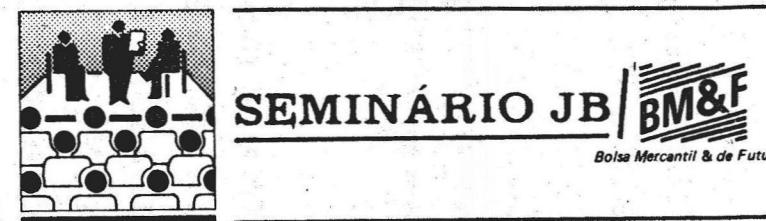
futuro do mercado de moedas parece estar garantido. Somente entre os anos de 1979 e 1984 o volume de negócios neste mercado praticamente dobrou. Hoje, registra-se no dia-a-dia negócios de US\$ 300 bilhões. Desde 1971, na esteira destes aumentos vertiginosos, este segmento passou para a linha de frente das atividades financeiras.

Em seguida foi a vez de Álvaro Catão Filho, que desde 1979 reside em Chicago, onde exerce as funções de corretor membro da Chicago Board of Trade e é o vice-presidente da Área de Commodities da Shearson, Lehman Brothers. Catão, de pé e com a ajuda de slides, foi o responsável pela mais longa palestra que tomou por tema a importância dos Treasury-Bonds e Treasury-Notes como instrumentos de financiamento da dívida norte-americana. Com o crescimento deste setor nos últimos anos, os volumes de T-Bonds e T-Notes também sofreram expressivos aumentos. Os primeiros evoluíram de US\$ 138 milhões em 1975 para US\$ 17,6 bilhões neste ano. E as T-Notes saltaram de US\$ 363 milhões para US\$ 21,3 bilhões.

Durante o almoço, voltando à área doméstica, o chefe do Departamento de Normas do Mercado de Capitais do Banco Central, Gustavo Loyola, garantiu que o próximo grande passo do mercado brasileiro de futuros será sua abertura para a atuação de investidores institucionais. Prazo para isso, contudo, ainda não há, mas Loyola garantiu que o governo pretende interferir o menos possível na área, privilegiando a autoregulamentação dos mercados futuros.

Neil O'Brien abriu os trabalhos da tarde tratando de um tema que até há pouco era maldito: o papel — destacado — do especulador nos mercados futuros. O'Brien mostrou aos interessados quais são os indicadores que não podem ser desprezados para quem quiser bem exercer a atividade. Analista da Merrill Lynch, ele deixou todas as informações bases de atitudes do especulador, mas ressaltou que nos Estados Unidos, cujo poder de divulgação de índices econômicos é quase insuperável, a tarefa fica bem facilitada.

Encerrando a sessão de palestras e antecedendo o período de debates, o diretor de Mercados Financeiros da Chicago Mercantile Exchange, James Slentz, centrou sua exposição em explicações de funcionamento e utilização do mercado futuro de índice do S&P 500, o contrato mais popular da sua Bolsa. Antes de entrar em detalhes, contudo, Slentz, aludindo a um comentário do brasileiro Catão, garantiu que também nos Estados Unidos os mercados futuros continuam enfrentando, ainda, problemas conceituais. Uma das razões para tal, segundo observou, é a própria linguagem da área, que insiste em dizer que os preços foram determinados pelas Bolsas, ao invés de nas Bolsas.



Seminário sobre mercados futuros: brasileiros e estrangeiros mostraram à platéia atenta que segmento canaliza cada vez mais importância nas grandes economias e Brasil tende a representar maior parcela dos negócios diários de US\$ 300 bilhões